



COMUNICAÇÃO SOBRE O CONCÍLIO VATICANO II.

Em comemoração aos seus quarenta anos de encerramento

Paulo Sérgio Lopes Gonçalves¹

Resumo

O objetivo do autor neste artigo é apresentar uma metodologia de pesquisa referente ao Concílio Vaticano II, apontando para suas fontes, a estrutura de uma pesquisa e seus pontos fundamentais. Para isso, explicita a relevância histórica e eclesial desse Concílio, expondo infra-estrutura do conteúdo conciliar no que se refere às fontes, ao conteúdo teológico e aos comentários históricos, teológicos e pastorais. Apresenta ainda os aspectos fundamentais desse evento tão relevante para a História da Igreja.

Palavras-chave: Concílio Vaticano II, análise histórico-teológica, *aggiornamento*, fontes documentais, história.

Abstract

The objective of the actor in this article is show a methodology of research about the Second Vatican Council, showing for their sources, the structure of a research and their important aspects. Therefore, show the historical and in the Church importance about this Council, showing the infrastructure of the council contents about the sources, the theological contents and the historic, theological and pastoral commentaries. Show too the fundamental aspects of this big important event to the history of the Church.

Key words: Second council Vatican, historical-theological analysis, *aggiornamento*, sources of documents, history.

¹ Brasileiro, licenciado em Filosofia e bacharel em Teologia pela PUC-Campinas, mestre em Teologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção de São Paulo (SP), Doutor em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana de Roma (Itália). É professor de Teologia Sistemática e Diretor do Centro de Ciências Humanas da PUC-Campinas. É também membro da coordenação da Escola Diocesana de Teologia de Limeira (SP). Escreveu vários artigos teológicos em revistas teológicas e em livros produzidos por vários autores. É autor de *Liberationis Mysterium. O projeto sistemático da teologia da libertação. Um estudo teológico na perspectiva da regula fidei*, PUG, Roma 1997. Organizou com José Trasferetti *Teologia na Pós-Modernidade. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*, Paulinas, São Paulo 2003; e com Vera Ivanise Bombonato *concílio Vaticano II. Análise e prospectivas*, Paulinas, São Paulo 2004.

1. Introdução

O Concílio Vaticano II é sem dúvida um dos maiores eventos da Igreja no século XX. O anúncio de João XXIII no dia 25 de janeiro de 1959 durante a celebração eucarística da festa da natividade São Paulo, na Basílica São Paulo Fora dos Muros em Roma, Itália, de que realizaria o 21º Concílio Ecumênico da Igreja, causou surpresa aos membros da Igreja e a membros de outros segmentos. De fato, no Concílio Vaticano I havia sido proclamado o dogma da infalibilidade *ex cathedra* do Papa, propiciando o entendimento de que o século XX já não era mais o momento de realizar um concílio na Igreja. No entanto, a convocação de João XXIII efetuada dia 25 de dezembro de 1961 por meio de constituição apostólica² realçou a necessidade da Igreja abrir-se aos sinais dos tempos e dialogar com o mundo, efetivando assim seu verdadeiro *aggiornamento* em relação às diferentes mutações históricas, e mostrando a sua verdadeira vitalidade. Esse evento foi o maior Concílio entre todos os já ocorridos na Igreja, contando com a participação de mais de 2000 pessoas – bispos, peritos, observadores, convidados – e possuindo uma conotação pastoral e não meramente dogmática como acontecera em Concílios anteriores. Emergia então, um modelo eclesiológico que não se caracterizava mais como *societas perfectas*, conforme ocorrera no Concílio de Trento (1545-1563), mas como modelo de “Comunhão” marcado por estruturas participativas, pela capacidade de escutar o mundo, de inserir-se nele e promover a unidade das Igrejas cristãs, das religiões e todo o gênero humano. Por isso, o Concílio Vaticano II gerou esperança para os cristãos e para os não cristãos também. Seus frutos estão já presentes na história, pois o seu espírito comunitário, participativo e profético marcou a Igreja em todo o mundo, especialmente na emergência das teologias contextuais, da Igreja dos Pobres, da busca de uma missão *ad Gentes* efetivamente inculturada, da promoção do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, do diálogo da fé com as ciências – eliminando a postura apologética de recusa ou condenação das aporias científicas – e pela necessidade de tornar o Reino de Deus cada vez mais uma realidade presente na história.

Diante do exposto acima, pretende-se neste artigo explicitar uma metodologia de pesquisa que denote a relevância do Concílio

² JOÃO XXIII, *Constituição Apostólica Humanae Salutis*, in AAS 54 (1962), pp. 5-13.

Vaticano II na história da Igreja e sua incidência social, apontando o perfil teológico e eclesial desse evento. Para atingir o objetivo acima descrito, partir-se-á das indagações a respeito da infra-estrutura do conteúdo: as diferentes fontes de pesquisa, os comentários e as obras denotativas de um conteúdo posterior ao próprio Concílio. O objeto material da pesquisa certamente levará ao objeto formal estruturado na pesquisa: as causas da convocação e do não término do Concílio Vaticano I, do seu desdobramento no interior da crise modernista e da especulação teológica, a dinamicidade eclesial que propiciaram a emergência do Concílio Vaticano II e os elementos que deram corpo ao Concílio nas diferentes formas de teologia e de ser da Igreja de Cristo, peregrina nesta terra.

Espera-se então, que nas pesquisas histórica e teológica, o Concílio Vaticano II seja algo de interesse intelectual, científico e pastoral, pois o seu espírito propiciou à Igreja uma nova maneira de se colocar a si mesma diante do mundo, de ver esse mesmo mundo com uma fé imbuída de esperança na construção do *novum*, da efetiva utopia tão presente na categoria teológica Reino de Deus.

2. A infra-estrutura do conteúdo

A precisão de uma pesquisa exige a verificação analítica dos documentos fontais do Concílio Vaticano II, de outros documentos do Magistério que norteiam as fontes, apoiando-se nas obras de historiadores e teólogos que trabalharam seriamente sobre o referido Concílio.

Torna-se necessário então que se leve a cabo os documentos conciliares, dos papas e das congregações vaticanas que se pronunciaram sobre a teologia e a Igreja referente aos eventos que estão no contexto do Concílio Vaticano II, a saber: as constituições dogmáticas do Concílio Vaticano I³ nas quais se apresentam os ensinamentos sobre a articulação entre fé e a razão e a formulação dogmática sobre a infalibilidade papal, as cartas encíclicas fundamentais de Leão XIII⁴, os documentos da crise modernista no período do Papa Pio X⁵, as manifestações do Papa Bento

³ CONCÍLIO VATICANO I, Constituição dogmática *Dei Filius*, in DZ 3030-3045; ID., Constituição dogmática *Pastor Aeternus*, in DZ 3050-3075.

⁴ LEÃO XIII, Carta encíclica *Aeterni Patris*, Dz 3135-3140; ID., Carta encíclica *Rerum Novarum*, AAS

⁵ SAGRADA E SUPREMA CONGREGAÇÃO ROMANA E UNIVERSAL INQUIISIÇÃO, Decreto *Lamentabili*, in AAS 40 (1907), pp. 470-478; PIO X, Carta encíclica *Pascendi domi gregis*, in AAS 40 (1907), pp. 596-650; ID, *Motuproprio Sacrorum Antistitum*, in AAS 2 (1910), pp. 655-680.

XV referentes à superação da primeira guerra mundial⁶, as cartas encíclicas de cunho social e dogmático de Pio XI⁷, o magistério de Pio XII⁸ referente ao método histórico crítico a ser utilizado na exegese bíblica e às formulações dogmáticas, o ensinamento social de João XXIII⁹ e o ensino dogmático de Paulo VI¹⁰, visto historicamente como fundamental no desenvolvimento da eclesiologia do concílio Vaticano II. Ademais, torna-se necessário o estudo das cartas encíclicas e das exortações sinodais de Paulo VI e de João Paulo II que foram diretamente reflexos do Concílio¹¹. Para isso, são utilizadas fontes e instrumentos de fundamentação da pesquisa. As fontes estão divididas em seis. A primeira é a *Collectio Lacensis*¹² e a *Collectio Mansi*¹³, nas quais são encontradas as atas, os esquemas preparatórios para os trabalhos do Concílio Vaticano I e suas respectivas emendas, e as duas constituições dogmáticas *Dei Filius* e *Pastor Aeternus*. Neste material encontram-se os dados referentes ao número e aos nomes dos participantes do Concílio, as suas manifestações verbais e escritas, os termos teológicos precisos dos esquemas e das constituições. As outras quatro fontes são: o *Conciliorum Oecumenicorum*¹⁴ o *Enchiridion delle Encicliche*¹⁵, o *Enchiridion Vaticanum*¹⁶ e o DENZINGER¹⁷. O *Conciliorum Oecumenicorum* permite encontrar as Constituições, os decretos e declarações do Concílio Vaticano II – assim como de todos os outros concílios ecumênicos da Igreja, na

⁶ BENTO XV, Carta encíclica *Quod iam diu*, in AAS 10 (1918), pp. 473-474.

⁷ PIO XI, Carta encíclica *Quadragesimo Anno*, in AAS 23 (1931), pp. 177-228; ID., Carta encíclica *Mit brennender Sorge*, in AAS 29 (1937), pp. 145-167.

⁸ PIO XII, Carta encíclica *Divino Afflante Spiritu*, in AAS 35 (1943), pp. 297-325; ID., Carta encíclica *Humani Generis*, in AAS 42 (1950), pp. 561-578.

⁹ JOÃO XXIII, Carta encíclica *Mater et Magistra*, in AAS 53 (1961), pp. 401-464; ID., Carta encíclica *Pacem in Terris*, in AAS 55 (1963), pp. 257-304.

¹⁰ PAULO VI, Carta encíclica *Ecclesiam Suam*, in AAS 56 (1964), pp. 609-659.

¹¹ Na verdade, os pontificados de Paulo VI e de João Paulo II tiveram características, mas ambos viveram o espírito do Concílio. Entre as diversas obras, merecem destaque: PAULO VI., carta encíclica *Populorum Progressio*, in AAS 59 (1967), pp. 257-299; ID., Carta encíclica *Octagesima Adveniens*, in AAS 63 (1971), pp. 401-441; ID., Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, in AAS 68 (1976), pp. 5-76; JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Redemptor Hominis*, in AAS 71 (1979), pp. 257-324; ID., Carta encíclica *Laborem Exercens*, in AAS 73 (1981), pp. 577-647; ID., carta encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, in AAS 80 (1988), pp. 513-586; ID., Carta encíclica *Ut unum sint*, AAS 87 (1995), pp. 921-982; ID., Carta encíclica *Fides et ratio*, in OR 16/10/1998, pp. 25-34.

¹² *Collectio Lacensis*, vol. VII: *Acta et decreta S. Concilii Vaticani cum permultis aliis documentis ad concilium eiusque historiam spectantibus. Acta et decreta S. Conciliorum recentiorum*, Freiburg 1890

¹³ MANSI, J.D., *Sacrorum conciliorum nova et amplissima collectio*, vol. 49-53, Arnhem 1923-1927.

¹⁴ *Conciliorum Oecumenicorum Decreta*, Bologna 1991.

¹⁵ *Enchiridion delle Encicliche*, vols. 2-8, Bologna 1994-1998.

¹⁶ *Enchiridion Vaticanum*, vols. 1-2, Bologna, Dehoniana 1993-1996.

¹⁷ DENZINGER, H., *Enchiridion Symbolorum. Definitionum et declarationum de rebus fidei et morum*, Bologna, Dehoniana 1995.

forma dos originais com tradução italiana. O *Enchiridion Symbolorum* é uma coletânea resumida de documentos pertencentes a toda a história da Igreja. Encontrar-se-á nele documentos contemporâneos relacionados aos concílios analisados, não encontrados em outras fontes. O *Enchiridion delle encicliche* reúne as encíclicas papais e alguns de seus documentos principais¹⁸ e outros também relevantes para a igreja da época. O *Enchiridion Vaticanum* em seu primeiro volume, reúne todas as constituições dogmáticas, os decretos e as declarações do Concílio Vaticano II, e os discursos e radiomensagens dos Papas João XXIII e Paulo VI. O segundo volume reúne as cartas encíclicas de João XXIII e Paulo VI produzidos durante a realização do Concílio Vaticano II, documentos de renovação pastoral, litúrgica e teológica decorrentes da necessidade conciliar.

Além dessas fontes, uma pesquisa sobre o Concílio Vaticano II está fundamentada em estudos de historiadores e teólogos peritos sobre esse evento. Entre os historiadores está Giuseppe Alberigo¹⁹, da Universidade de Bologna, líder de um projeto de pesquisa acerca do Concílio Vaticano II. Suas obras são caracterizadas pela análise das fontes escritas, pela hermenêutica dos temas pesquisados e pelo desenvolvimento analítico de fontes orais. Outro historiador é Giacomo Martina²⁰, jesuíta, professor emérito de História da Igreja moderna e contemporânea, na Faculdade de História Eclesiástica da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Seu método historiográfico proporciona verificar analiticamente a veracidade e a confiabilidade das fontes escritas, utilizando-se do instrumental crítico totalizante. O terceiro é Hubert Jedin²¹, historiador alemão, autor de pioneiros livros sobre a Reforma católica e sobre o Concílio Ecumênico de Trento, bem como dos dois concílios Vaticanos. Sustentou uma concepção da história da Igreja entendida como história da salvação. O quarto é Roger Aubert,

¹⁸ Por exemplo no vol. 2 estão todas as 39 cartas encíclicas do Papa Pio IX, a bula *Aeterni Patris* de convocação do Concílio Vaticano I, a bula *Ineffabilis Deus*, definindo o dogma da Imaculada Conceição de Maria e as constituições dogmáticas *Dei Filiius* e *Pastor Aeternus*.

¹⁹ ALBERIGO, G., ed., *Storia dei Concili ecumenici*, Bologna, Dehoniane 1990; Id., *Storia del Concilio Vaticano II. Il cattolicesimo verso una nuova stagione. L'annuncio e la preparazione. Gennaio 1959 – settembre 1962*, Leuven – Bologna, Peeters – Il Mulino 1995; Id., *Storia del Concilio Vaticano II. La formazione della coscienza conciliare. Ottobre 1962 – settembre 1963*, Leuven – Bologna, Peeters – Il Mulino 1996.

²⁰ MARTINA, G., *La Chiesa nell'età dell'assolutismo, del Liberalismo, del Totalitarismo (III-IV)*, Morcelliana, Brescia 1970; Id., *Problemi di storia della Chiesa. Dal Vaticano I al Vaticano II*, Roma 1988; Id., «Il contesto storico in cui è nata l'idea di un nuovo concilio ecumenico», in LATOURELLE, R., ed., *Vaticano II: Bilancio & prospettive. Venticinque anni dopo. 1962-1987*, Cittadella, Assisi 1987, pp. 27-82.

²¹ JEDIN H., *Breve storia dei Concili*, Brescia 1996.

participante exímio da obra de Fliche Martin²², tendo escrito fundamentalmente sobre a preparação, a organização, o desenvolvimento e os textos do Concílio Vaticano II. Utilizando-se de fontes documentais e comentadores especializados no assunto, o historiador combina o que é necessário para um manual: fatos, correntes, pessoas na sua conjuntura. Na sua pesquisa surge a Igreja *ad extra*, seu contato com a sociedade revolucionária daqueles dias. Sua crítica da Igreja universal e da sua cabeça visível encontra-se dentro de uma inesgotável massa documental.

Além destes quatro historiadores, devem ser utilizadas também três obras que articulam a ciência histórica com a ciência teológica. A primeira foi produzida por Evangelista Vilanova²³, cuja característica principal é a utilização dos documentos, das obras de historiadores e teólogos a partir do método dialético para análise. Sua obra apresenta precisamente o contexto histórico do Concílio, os temas relevantes e a teologia subjacente confrontando-a com a sua contemporaneidade. A segunda obra foi produzida pelos teólogos Bernard Sesboüe e Christoph Theobald²⁴, cuja preocupação fundamental é suscitar a reflexão teológica subjacente no Concílio. Não há uma exposição profunda acerca do contexto vital dos Concílios, mas o suficiente para que se possa atingir o objetivo desejado pelos autores. A terceira é o trabalho organizado por Rino Fisichella²⁵ que reúne 16 artigos, cada um escrito por teólogos de várias partes da Europa.

Ademais, não se pode esquecer duas obras recentes de relevante contribuição à história e à teologia do Concílio Vaticano II. A primeira é organizada por Paulo Sérgio Lopes Gonçalves e Vera Ivanise Bombonato²⁶, a qual reúne 16 artigos de historiadores e teólogos de várias partes do Brasil, de caráter histórico, teológico, eclesiológico e antropológico do estudado evento. A segunda é a tese de doutorado de

²² FLICHE–MARTIN, *Storia della Chiesa*. La Chiesa del Vaticano II 1958-1978, vol. XXI/1, Milano 1994; *Id*, *Storia della Chiesa*. La Chiesa del Vaticano II 1958-1978, vol. XXI/2, Milano 1995; *Id*, *Storia della Chiesa*. Il pontificato di Pio IX 1846-1878, vol. XXI/1 – XXI/2, Milano 1990. Trata-se de um dos manuais de História Eclesiástica mais pormenorizado da atualidade, nascido da iniciativa do medievalista de Montpellier (Fliche) e Martin. Começado em 1935, este empreendimento leva a sério as características da *renouveau catholique* entre as duas guerras mundiais. Na obra predomina a história «política e externa» da Igreja, ainda que hajam volumes com análises de história interna. A edição italiana atualizou algumas partes e enriqueceu a obra com ilustrações, índices analíticos, mapas históricos-geográficos, quadros anexos. São 34 tomos.

²³ VILANOVA, E., *Historia de la teologia cristiana* (III), Herder: Barcelona, 1992.

²⁴ SESBOÛE, B. – THEOBALD, C., *Histoire des dogmes* (IV). La parole du Salut, Desclée, Paris 1996.

²⁵ FISICHELLA, R., ed., *Storia della Teologia* (III). *Da Vitus Pichler a Henri de Lubac*, Dehoniane: Bologna, 1996.

²⁶ GONÇALVES, P.S.L. – BOMBONATTO, V.I., ed., *Concílio Vaticano II. Análise e perspectivas*, Paulinas: São Paulo, 2004.

Oscar Beozzo²⁷, na qual se descreve a atuação dos bispos brasileiros no Concílio dentro do contexto de seu desenvolvimento interno e de sua situação histórica no conjunto dos concílios.

A compreensão efetivamente teológica do Concílio Vaticano II exige que se estude as obras de Marie Dominique Chenu²⁸, Yves Congar²⁹, Henri De Lubac³⁰, Karl Rahner³¹, René Latourelle³². Os três primeiros pertenceram ao movimento da *Nouvelle Theologie*, presente nas escolas de Lyon e de Saulchoir, as quais desenvolveram intensamente uma teologia da história pertinente ao mundo do trabalho, ao bem estar social e a emancipação do homem. O quarto foi o fundador da Teologia Transcendental com base na Filosofia Transcendental e na Antropologia Transcendental. Sua intenção maior era mostrar o homem como sujeito transcendental, capaz de ser livre e por meio da liberdade fazer uma autêntica experiência de Deus. O quinto trabalhou na Pontifícia Universidade Gregoriana e organizou uma obra sobre os vinte e cinco anos do Concílio Vaticano II, com o auxílio de teólogos da mesma Universidade. Nesta obra, são analisados todos os documentos conciliares e os temas emergentes na totalidade do evento.

A consequência maior do Concílio Vaticano II está na emergência de práticas eclesiais e teologias que buscaram atualizar a Igreja no mundo por meio da busca do diálogo com a cultura moderna. Surgiram as teologias da libertação latino-americana, da Ásia e da África. Para desenvolvê-las, deve-se utilizar as obras histórico-teológicas de Gustavo Gutiérrez³³, Bruno Chenu³⁴, João Batista Libânio e Alberto Antoniazzi³⁵, Julio Lois³⁶, Rossino Gibellini³⁷ e Roberto Oliveros³⁸ com a finalidade de esboçar a efetividade do Concílio Vaticano II no interior das Igrejas locais e das teologias originariamente contextuais.

²⁷ BEOZZO, O., *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II (1959-1965)*, Paulinas: São Paulo, 2005

²⁸ CHENU, M.D., *Diario del Vaticano II. Note quotidiane al concilio 1962 1963*, Bologna, 1996.

²⁹ CONGAR, Y., *La Tradition e la vie de l'Eglise*, Libraire Arthème Fayard: Paris, 1963

³⁰ DELUBAC, H., *L'Ecriture dans la Tradition*, Aubier – Montaigne: Paris, 1996.

³¹ RAHNER, K., *Schriften zur Theologie* (X), Benziger, Einsiedeln 1972.

³² LATOURELLE, R., ed., *Vaticano II: Bilancio & prospettive. Venticinque anni dopo. 1962-1987*, Cittadella: Assisi, 1987.

³³ GUTIÉRREZ, G., *Teología de la liberación*. Perspectivas, Lima 1971; Id., *La fuerza histórica de los pobres*, Lima, 1980; Id., *La verdad os hará libres*, Sigüeme, Salamanca 1990.

³⁴ CHENU, B., *Théologies chrétiennes des Tiers Mondes*. Latino-américaine, noire-américaine, noire sud-africaine, africaine, asiatique, Cerf: Paris 1987.

³⁵ LIBÂNIO, J.B. – ANTONIAZZI, A., *Vinte anos de teologia na América Latina e no Brasil*, Vozes, Petrópolis 1994.

³⁶ LOIS, J., «Teología de la liberación en África», in COMBLIN, J. – GONZALEZ FAUS, J.I. – SOBRINO, J., ed., *Cambio social y pensamiento cristiano en América Latina*, Madrid, 1992, 237-250.

³⁷ GIBELLINI, R., *La teologia del XX secolo*, Queriniana: Brescia 1992.

³⁸ OLIVEROS, R., «Historia de la teología de la liberación», Mysl I, 17-50.

Para que o trabalho de pesquisa tenha eficácia, necessitar-se-á uma metodologia consistente e sistemática capaz de explicitar fidelidade às fontes e aos estudos dos comentadores. Esta metodologia consiste em examinar as fontes com todas as mediações necessárias da história e da hermenêutica teológica, contextualizá-las a partir dos estudos utilizados e sistematizar o evento conciliar em seu contexto vital, seu desenvolvimento, sua teologia e suas conseqüências histórico-teológicas, tendo em vista suas contribuições efetivas à história e à teologia.

3. A estrutura da pesquisa

Uma pesquisa sobre o Concílio Vaticano II deve estar organizada em quatro partes. A primeira diz respeito ao Concílio Vaticano I, convocado por Pio IX em 1868 através da bula *Aeterni Patris*, que teve duas constituições dogmáticas aprovadas – a *Dei filius* em 24/04/1870 e a *Pastor Aeternus* em 18/07/1870 -, mas não chegou ao seu fim, tendo sido suspenso em setembro de 1870, devido à guerra franco-prussiana. A relevância do primeiro concílio vaticano no contexto do segundo está no fato que nos seus 50 esquemas iniciais, alguns temas, como a colegialidade episcopal, a relação do Papa com os bispos, a caracterização da Igreja local, já apareciam, mas que devido á supracitada suspensão do Concílio não foram tratados. Mesmo tendo sido interrompido, o polêmico dogma da infalibilidade do Papa promulgado na constituição dogmática *Pastor Aeternus* e a articulação entre fé e razão contida na constituição dogmática *Dei Filius* entraram com pertinência e relevância na história da Igreja e da teologia. Ademais, ao convocar o segundo Concílio Vaticano, João XXIII certamente encerrou o primeiro, atitude jurídica e pastoral importante.

A segunda parte refere-se ao período intermediário entre o Concílio Vaticano I e o Concílio Vaticano II. Estudar-se-á a situação da Igreja e da sociedade, especialmente a crise modernista, denotante da resistência da Igreja à irrupção da mentalidade moderna na Igreja, na teologia e na sociedade em sua totalidade; a emergência das teologias ilustradoras de um processo de renovação epistemológica nos campos católico e protestante, e os movimentos renovadores – a renovação

bíblica, patrística, litúrgica e ecumênica – que deram corporeidade ao surgimento de uma nova possibilidade de realização do catolicismo no interior da sociedade moderna. Verificar-se-á um longo movimento de manutenção e de redimensionalização do Concílio Vaticano I que proporcionou a necessidade da edificação do Concílio Vaticano II.

A terceira parte é referente ao Concílio Vaticano II, cuja estrutura deve manifestar a configuração do Concílio em seu conjunto contextual, documental e praxístico. Analisar-se-á a situação da sociedade e da Igreja no período de 1959 a 1965, destacando a necessidade conjuntural de mudança da postura da Igreja em seu modo de olhar o mundo. Desenvolver-se-á a preparação e as discussões antes da abertura, realçando as tendências à realização de um concílio verdadeiramente capaz de dialogar com o mundo moderno. Descrever-se-á os quatro períodos do Concílio, ressaltando a morte de João XXIII e a ascensão de Paulo VI à condição de Papa da Igreja cristã católica, os trabalhos sobre os temas da colegialidade episcopal, o ecumenismo, a reforma litúrgica, o lançamento da carta encíclica *Ecclesiam Suam* como base da constituição dogmática *Lumen Gentium*, a emergência da constituição pastoral *Gaudium et Spes*, a conclusão dos trabalhos e o encerramento do Concílio. Serão levantados como temas principais e preponderantes, a pedagogia divina da Revelação, a articulação entre Revelação Fundante e Revelação continuada, a sacramentalidade universal da Igreja e sua realização como Povo de Deus, a inserção da Igreja no mundo, o ecumenismo com princípios católicos, a relação da Igreja com as religiões não cristãs, a articulação entre história e escatologia. Abordar-se-á a eclesiologia de comunhão subjacente em todo o Concílio e suas incidências no conjunto da Igreja e da sociedade.

A quarta parte é referente aos efeitos do Concílio Vaticano II no interior da Igreja, em seu modo de evangelizar e de apresentar-se diante do mundo moderno. Torna-se necessário abordar as teologias européias da esperança e política, as quais serviram de base para a abordagem acerca das teologias da libertação, negra, indígena e feminista. Constatar-se-á a emergência das Igrejas locais constituídas de identidade própria sem negar a universalidade soteriológica da Igreja, e o papel da Igreja de Roma como mãe de todas as outras Igrejas. Abordar-se-á ainda a inserção dos cristãos no interior dos movimentos sociais como concretização do espírito eclesiológico deste século: a edificação de uma Igreja comunhão que procura cumprir a sua missão de reunir todo o gênero humano.

Verificar-se-á as tensões existentes entre a eclesiologia de comunhão e a eclesiologia centralista com a finalidade de demonstrar que o Concílio Vaticano II não é um evento já terminado, mas um acontecimento em contínuo processo de amadurecimento sócio-eclesial.

Ao final do desenvolvimento do trabalho, elaborar-se-á uma conclusão, capaz de detectar a riqueza do Concílio Vaticano II por aquilo que explicitou em seus esquemas, em seus documentos, no seu respectivo contexto e conseqüências históricas. Concluir-se-á que a pesquisa realizada pela análise das fontes, dos instrumentos e das obras, aproximase com maior segurança do fenômeno estudado, atingindo com maior precisão o objetivo proposto.

4. Pontos fundamentais

Torna-se imprescindível iniciar este ítem ressaltando a relevância da precisão acerca do contexto vital do Concílio, pois todo conteúdo é situado em um tempo e em um espaço determinados e, embora tenha sua especificidade teórica, possui também condicionamentos históricos. Deste modo, é inegável a compreensão histórica do concílio Vaticano II, cuja origem se apresenta no contexto do Concílio Vaticano I, situado na laicidade e na autonomia das filosofias modernas, na figura específica de Pio IX como um grande ultramontano e um defensor da Igreja triunfalista e da teologia apologética do Concílio de Trento. O caminho intermediário acima enunciado possui uma variedade contextual que se inicia com a efervescência de uma nova consciência política moderna e passando pela crise modernista, por duas guerras mundiais, pela emergência dos nacionalismos que exigiram da Igreja e da teologia, novas posturas condizentes aos desafios emergentes da realidade histórica, da figura carismática do Papa João XXIII, incluindo a conjuntura eclesiástica na época de sua eleição, propicia compreender melhor as razões da existência e as direções do Concílio Vaticano II. A análise de seu contexto histórico proporcionou situar a sua teologia em um período que exigia reformas estruturais da Igreja e, fundamentalmente, maior diálogo com o mundo moderno em sua totalidade.

A constância do conceito de Igreja denota uma evolução categorial que partiu do jurisdicismo e chegou ao missionarismo. No Concílio Vaticano I, a Igreja era vista como sociedade perfeita, autônoma, transcendente, assumindo uma conotação fortemente triunfalista e jurídica. A Igreja seria a detentora única da verdade e combatente das ideologias anti-religiosas e perigosas do mundo moderno. A confirmação desta premissa está presente no dogma da infalibilidade papal *ex cathedra*, compreendida como aquela efetuada quando o Papa fala na condição de pastor e doutor de todos os cristãos, definindo em virtude de sua suprema autoridade, que uma doutrina em matéria de fé ou de costumes deve ser admitida por toda a Igreja. Reconhece-se nessa condição, ser o Papa iluminado pela mesma assistência divina infalível que fora prometida ao apóstolo Pedro³⁹. A infalibilidade papal assumiu o corpo de infalibilidade da Igreja, uma vez que a autoridade infalível adquire sentido tão somente em função dos fiéis cristãos. Após o Concílio Vaticano I, o conceito de Igreja passa pelos debates metodológicos e epistemológicos da crise modernista e pelo desenvolvimento das novas formulações teológicas, preocupadas em aplicar a categoria *história* ao produzir teologia. Por isso, emergirá com o Papa Pio XII, o conceito de Igreja como «Corpo místico de Cristo»⁴⁰ que denota a dinâmica da transcendência e da imanência, da historicidade e da eternidade presente na Igreja. Este conceito foi importante para que o Concílio Vaticano II formulasse o conceito de Igreja como «sacramento de salvação universal». Isto significa que a Igreja é mistério inserido no mistério trinitário, peregrina sobre a terra, a serviço do Reino de Deus, com a missão de reunir todo o gênero humano. Sua efetividade está na categoria «Povo de Deus» que desenvolve o sacerdócio, a profecia e a realeza de Cristo na forma de Igreja. Trata-se de um povo constituído de carismas que se transformam em ministérios para a edificação do bem comum, tendo em vista a finalidade do ser da Igreja. Em todo o seu caminhar, a Igreja possui uma índole escatológica que denota a sua inesgotabilidade histórica e realça a sua missão salvífica no interior da humanidade⁴¹. O conceito conciliar favoreceu o reconhecimento das Igrejas locais, a necessidade de se implementar uma evangelização inculturada, o exercício da colegialidade episcopal e eclesial em sua totalidade e a presença marcante da Igreja na família, no mundo do trabalho e na sociedade em geral. Emergiu uma

³⁹ DZ 3074

⁴⁰ PIO XII, Carta encíclica *Mystici Corporis*, AAS 35 (1943), 193-248.

⁴¹ CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, AAS 57 (1965), nn. 1-17.

eclesiologia de comunhão que fez a Igreja entender a sua missão de promover a comunhão entre os seus membros, entre as Igrejas, entre as religiões e entre os seres humanos⁴². Esta eclesiologia de comunhão proporcionou a efervescência e o entusiasmo das Igrejas locais nos mais diferentes pontos do planeta, especialmente na América Latina, na África e na Ásia. Emergiu uma Igreja dos Pobres soteriologicamente universal⁴³. Não obstante a preponderância da eclesiologia de comunhão, não é possível desconsiderar as tensões eclesiológicas proveniente de uma tendência de integralismo eclesial⁴⁴, e ainda, por muitos momentos na história, a forte presença da eclesiologia jurídica que conceituava a Igreja como sociedade perfeita.

Outra constância temática é o conceito de Revelação. Para a constituição dogmática *Dei Filius* do Concílio Vaticano I, a Revelação é de Deus, sobrenatural e está contida nos livros escritos da bíblia e na tradição não escrita da Igreja, mas inspirada pelo Espírito Santo. A Igreja, por sua vez, possui autoridade para interpretar a sagrada escritura e a tradição com a finalidade de explicitar a Revelação divina. Por intermédio da articulação entre fé e razão⁴⁵, com preponderância da fé, a Igreja realiza a sua missão magisterial de interpretar as fontes da Revelação. A tônica da teologia da revelação no século XX foi a transcendência da Revelação e seu caráter doutrinário. A fé revelada é dom que se afirma como doxologia realizada nas comunidades cristãs, como testemunho cristão no mundo e como compreensão efetuada pelo movimento que o *intellectus fidei* inicia para formar a *ratio fidei*. Indubitavelmente, reafirmou-se a relevância da Tradição Apostólica como testemunho da revelação direta, da Escritura enquanto atestado da experiência apostólica originária e de toda a tradição eclesial, como transmissão da Revelação. Aliada a isso, estava a tomada da categoria *história* como lugar teológico de consistência à fé. Deste modo, formava-se uma teologia da revelação que articulava

⁴² CONCÍLIO VATICANO II, constituição dogmática *Lumen Gentium*, in AAS 57 (1965), pp. 5-67

⁴³ O Papa JOÃO XXIII, Radiomessaggio *La grande aspettazione* de 11/09/1962, AAS 54 (1962), pp. 678-685, falava a respeito da formulação de uma Igreja dos Pobres nos países subdesenvolvidos. Este conceito desenvolveu-se especialmente na teologia da América Latina. Entretanto, o papa João Paulo II, Carta encíclica *Sollicitudo rei socialis*, AAS 80 (1988), nn. 40-48, gradativamente assumiu uma conotação histórico-salvífica no interior da teologia e da Igreja.

⁴⁴ Chama-se de integralismo eclesial toda estratégia eclesiástica que denota integrar um segmento ou um grupo de cristãos no interior de uma única mentalidade institucional. Trata-se de pensar a unidade da Igreja, sem reais considerações acerca da diversidade de formas de ser Igreja de Cristo no mundo.

⁴⁵ DZ 3008-3020. A fé fundamenta as coisas que se esperam e prova aquelas que não se vêem. Ela é um dom de Deus que exige do ser humano obediência. Não há oposição entre fé e razão, mas esta serve aquela, para explicitar de modo claro e evidente o divino depósito da fé que foi confiado à Igreja.

transcendência com imanência, história com escatologia, teoria e prática da fé. A categoria *sinais dos tempos* proveniente da escola de Saulchoir, assumida pelo Papa João XXIII, proporcionou que a constituição dogmática *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II formulasse uma teologia da revelação dinâmica, aberta e que se tornasse base de uma teologia fundamental. Duas categorias são importantes. A primeira é a Revelação fundante, aquela acontecida e encerrada em Jesus Cristo, a plenitude da revelação divina. Nele, explicitou-se a pedagogia divina da revelação: a manifestação no novo testamento das coisas escondidas do antigo testamento. A segunda é a Revelação dependente, iniciada após a Escritura, continuada na vida da Igreja e em todas as mediações humanas de acolhimento à salvação realizada em Jesus Cristo⁴⁶. Essa concepção deu corpo à teoria da dinamicidade da Revelação por meio da articulação entre Deus auto-comunicador de si mesmo ao homem e o homem receptor da graça divina. Proporcionou-se o movimento de releitura da bíblia a partir da utilização dos novos métodos, da vida das comunidades cristãs e da totalidade da história humana. Propiciou-se também melhor articulação entre Escritura e Tradição com a finalidade de reavivar a Palavra de Deus na história, especialmente nas ações de denotação da produção da vida humana a partir dos pobres. Estes tornaram-se um lugar teológico, inicialmente contextualizado na América Latina e progressivamente adquirindo consenso soteriológico. O tema da Revelação tornou-se não mais uma apologia magisterial da fé, mas uma apologia fundamental resultante da ligação entre doxologia, compreensão e testemunho de fé⁴⁷.

No bojo da pluralidade de temas pertencentes ao Concílio Vaticano II, emergiu o fenômeno da relação entre Igreja e Modernidade. Houve a passagem de um conflito existente entre ambos para um diálogo no qual as duas instâncias dispuseram-se à busca da construção do *novum*. A Igreja defrontou-se com a Modernidade em uma postura de vê-la como a Outra diferente dela mesma, imbuída de alteridade e identidade própria. Buscou-se afirmar a identidade da Igreja em sua essencialidade dialética: transcendência e imanência, historicidade e eternidade. A busca da afirmação desta identidade proporcionou à Igreja adaptar-se ao mundo moderno, autovigiando-se para não se desviar de sua índole

⁴⁶ CONCÍLIO VATICANO II, constituição Dogmática *Dei Verbum*, in AAS 58 (1966), pp. 817-836.

⁴⁷ LIBÂNIO, J., B., *Teologia da Revelação a partir da Modernidade*, Loyola, São Paulo 1992; GONÇALVES, P. S. L., "A teologia do Concílio Vaticano II e sua conseqüências na emergência da Teologia da Libertação", in GONÇALVES, P. S. L. – BOMBONATTO, V. I., ed, op. cit., pp. 69-94.

missionária-salvífica. Entretanto, o diálogo com o mundo trouxe influências da Modernidade na Igreja e vice-versa que propiciaram crises eclesiais internas e tensões eclesiológicas diversas. Os acontecimentos diversos após o término do Concílio Vaticano II – de um lado, a valorização das Igrejas locais, fermentação das Comunidades Eclesiais de Base, fortalecimento das pastorais sociais e de movimentos libertadores; de outro, a emergência de movimentos espiritualistas, centralização do poder na cúria romana, busca de integralismo nas diversas instâncias eclesiais – demonstram as tensões e o pluralismo emergentes clamantes por um *novum* capaz de contribuir mais eficazmente na edificação do Reino de Deus.

5. Conclusão

À guisa de conclusão, cabe ressaltar alguns pontos relevantes no conjunto do trabalho. Em primeiro lugar, este tipo de pesquisa apresenta amplo conteúdo encontrado nas fontes e nos estudos. Isto significa que a profundidade do trabalho implica tempo, disposição e disponibilidade para acurar devida e precisamente os elementos contidos em todo o material. Buscar-se-á atingir a totalidade aberta, que denota haver outros elementos ainda a ser descobertos, no interior da análise.

Em segundo lugar, a utilização adequada das fontes e dos estudos proporcionará maior precisão epistemológica na análise histórico-teológica. As fontes permitem detectar a quantidade de esquemas preparados para o Concílio, de cartas enviadas de um participante a outro e de uma instância a outra, e de emendas a cada um dos esquemas. Permitem também a leitura de seus textos originais na língua oficial, das emendas em cada esquema, das cartas transitadas entre instâncias e pessoas. Os instrumentos permitem a leitura dos pronunciamentos, radiomensagens, discurso de abertura e de encerramento conciliar, constituições, decretos e declarações oficiais na língua original. Os estudos especializados possibilitam conhecer análises textuais no âmbito histórico e no teológico, ou ainda, na conjugação de ambos. Eles possibilitam também adquirir instrumentos adequados para efetuar a análise textual e contextual dos eventos pesquisados. Além disso, os

estudos históricos fornecem dados adquiridos de outras fontes que auxiliam na pesquisa em voga.

Em terceiro lugar, é permitido abrir novas possibilidades de pesquisa posterior, especialmente para a evidência dos efeitos do Concílio Vaticano II por meio da pontuação de alguns elementos. Permanecerá a necessidade de aprofundá-los, de interpretá-los do modo como aparecem e como são em sua profundidade. Torna-se necessário conceber o Concílio Vaticano II como um fato presente em movimento de feito na busca da edificação da fidelidade da Igreja ao Reino de Deus. Deste modo, a Igreja estará sempre se mostrando como *sacramento de salvação universal* para reunir todo o gênero humano e para contribuir na construção da nova criação e do homem novo.

Por último, a pesquisa apontará a possibilidade de interdisciplinaridade entre teologia e história, sem que uma se sobreponha à outra. Constatar-se-á ao longo do trabalho, que cada ciência utiliza o seu método, efetua o seu rigor científico e se disporá, certamente dialogar com a outra. No interior do diálogo, estabelecer-se-á uma relação de autonomia e dependência entre ambos os saberes. A constatação da possibilidade da interdisciplinaridade entre teologia e história, seguindo critérios determinados de cada campo e abertura criteriológica de um saber a outro, denota que toda ciência com pretensão de eficiência não é pura e nem subsiste sem apoiar-se em outra. Portanto, o caminho desta pesquisa – seguindo os passos de outras similares – abre a perspectiva horizontal de que teologia é feita com mediações e que a história da Igreja não é uma ciência serva da teologia, mas sendo autônoma e dependente, dialoga, ilumina e é iluminada pela teologia.